

O aprofundamento da indignidade



Por **FABRÍCIO MACIEL***

As classes dominantes no Brasil são profundamente conservadoras e insensíveis aos interesses dos mais pobres

O Brasil hoje é um daqueles países que foi dominado pelo autoritarismo negacionista da extrema direita, o que se concretizou na trágica eleição de Jair Bolsonaro. Entretanto, não pretendo ficar aqui preso ao que eu costumo chamar de “ilusões da conjuntura”. Entender o agravamento dos conflitos de classe e o aprofundamento da indignidade do trabalho é tarefa que exige um duplo movimento. Primeiro, precisamos sim de um panorama claro sobre a conjuntural atual. Em um segundo momento, entretanto, é necessário reconstruir os aspectos estruturais mais profundos que nos trouxeram até aqui.

Sobre as questões da conjuntura, é preciso tentar escapar do que eu costumo chamar de “novelização da política”. Em praticamente todo o mundo, a mídia se especializou em transformar o cotidiano do campo político em um grande espetáculo. Na dita sociedade do conhecimento e na modernidade reflexiva, parece crítico mostrar o tempo inteiro o que os atores políticos estão fazendo. Ficamos todos presos nesta novela, acompanhando a cada semana seus novos episódios. O problema é que isso esconde o tempo inteiro sistematicamente o que acontece no campo econômico, ou seja, as profundas transformações estruturais pelas quais vem passando o capitalismo nas últimas décadas.

É exatamente aqui que precisamos dedicar a nossa atenção. Em um movimento descritivo e analítico, posso dizer que o Brasil na atual conjuntura vivencia um grave aprofundamento da precariedade e da indignidade do trabalho e das relações entre as classes sociais. Isso reflete um cenário global, mas também nos apresenta especificidades do Brasil. Aqui vale destacar que os conceitos de precariedade e de trabalho precário apenas descrevem situações de trabalho que são obviamente ruins e que apenas se aprofundam. Com a ideia de indignidade eu procuro ir além e tematizar as dimensões morais e simbólicas da situação.

Na conjuntura brasileira atual, marcada pelos governos antidemocráticos de Michel Temer e Jair Bolsonaro, um aspecto decisivo do aprofundamento da indignidade foi a aprovação de uma reforma trabalhista que é explicitamente contra as necessidades dos trabalhadores. Em resumo, sem a presença do Estado nas negociações, a reforma fragiliza os trabalhadores permitindo aos empregadores toda a tomada de decisão em seu favor. Ou seja, trata-se explicitamente de uma nova forma de autoritarismo de mercado.

Neste cenário, proponho a ideia de indignidade para pensar a condição imoral e inaceitável na qual se encontra hoje pelo menos 30% da população brasileira. Trata-se aqui do patamar mínimo de dignidade que uma pessoa precisa, ou seja, o mínimo para seu sustento material e existencial. A ideia de dignidade da pessoa humana, que consta na constituição brasileira, remete-se a este mínimo, que não é garantido para todos. No cenário brasileiro, Jessé Souza definiu esta nossa subclasse como sendo a “ralé”, que vive abaixo do padrão mínimo de cidadania.

Além destes, que vivem realmente na miséria e praticamente não tem nenhum trabalho, pelo menos mais 30% dos brasileiros, ou seja, uma classe trabalhadora precarizada, realiza o que eu defino como trabalho indigno. Trata-se do trabalho incerto, sem vínculos e sem salário garantido, o que também não oferece o mínimo para garantir a dignidade em termos materiais e morais. Com isso, temos mais ou menos 60% da população brasileira, ou seja, nossas classes populares, 30% vivendo abaixo da linha da dignidade e mais 30% vivendo no limite da dignidade.

A explicação para este triste cenário não é simples e não se resume às discussões sobre a conjuntura, como se tem feito.

a terra é redonda

Este tem sido nosso principal inimigo teórico e empírico. Tem sido comum, por exemplo, e isso não apenas no Brasil, atribuir a vitória da extrema-direita nas eleições e todas as suas graves consequências aos erros da esquerda na conjuntura anterior. Mesmo que a esquerda e seus partidos tenham cometido erros, esta interpretação é falsa, pois não reconstrói as razões estruturais e históricas que nos trouxeram até aqui. Com isso, a conjuntura política dominada pela extrema-direita apenas aprofunda, mas não explica, a condição de indignidade das classes populares e o fosso entre estas e as classes dominantes. Ou seja, a ascensão da extrema-direita ao poder é consequência, e não causa, da condição de indignidade produzida pelo capitalismo contemporâneo.

Na Alemanha, a obra de Klaus Dörre nos ajuda a compreender isso que ele tem chamado, seguindo a socióloga americana Arlie Horschild, de “história profunda”. Com a metáfora da “fila de espera”, Dörre vem analisando há anos como a precarização do trabalho sempre levou frações da classe trabalhadora a aderirem ao sentimento e à mentalidade da extrema-direita. Assim, para compreendermos o cenário mais amplo que nos trouxe até aqui, precisamos fazer uma reconstrução histórica das mudanças estruturais do capitalismo nas últimas décadas.

Quando revisitamos as obras de alguns dos principais analistas do capitalismo contemporâneo como Claus Offe, Ulrich Beck, Robert Castel, André Gorz, Boltanski & Chiapello, dentre outros, como eu tenho feito nos últimos anos, o que descobrimos é o espectro da indignidade chegando também nos países centrais. A precariedade e a indignidade do trabalho sempre foi a marca estrutural de países periféricos como o Brasil. Entretanto, desde a década de 1970, esta tem sido o principal produto do capitalismo global, como mostram os estudos destes autores.

Ainda que de maneira conjuntural no centro, em países como a Alemanha, com a fragmentação do Estado de bem-estar social, a condição de indignidade tem sido uma ameaça real para um número cada vez maior de pessoas, especialmente de imigrantes. Ou seja, trata-se aqui do aumento de uma ralé global. Entretanto, países ricos como a Alemanha ainda conseguem garantir um patamar mínimo de dignidade para os mais necessitados, com programas do governo, o que é impossível em países de miséria estrutural como o Brasil. Considerando que sempre tivemos uma ralé estrutural como aspecto central de nossa sociedade, com a atual conjuntura de extrema-direita este cenário apenas se aprofunda e agrava.

Na conjuntura anterior, na qual o Brasil foi conduzido pelos governos de esquerda do Partido dos Trabalhadores, ainda que a miséria estrutural não tenha sido alterada, presenciamos a melhora relativa da vida de nossa classe trabalhadora, apoiada por ações efetivas do governo. Não por acaso, a principal figura neste contexto, o ex-presidente Lula da Silva, é hoje o nome mais cotado pelo povo brasileiro para vencer as eleições à presidência neste ano.

Neste trágico cenário, as classes dominantes no Brasil apresentam aspecto profundamente conservador, o que explica em grande parte a eleição de Jair Bolsonaro. Diante das mudanças na conjuntura anterior, que melhoraram a vida de fração considerável da classe trabalhadora, a elite brasileira, seguida fielmente pela alta classe média, apresentou profundo incômodo, o que aprofundou o ódio e a intolerância em relação aos menos privilegiados. Assim, temos um cenário de relações indignas entre as classes sociais, no qual os mais privilegiados se sentem ameaçados em sua condição social.

Em uma pesquisa que venho realizando há cinco anos no Brasil, com executivos, encontrei resultados que em boa parte nos ajudam a compreender por que os mais privilegiados se sentem incomodados com a mudança social, o que em grande medida conduziu ao voto na extrema-direita. Em entrevistas realizadas com mais de 60 executivos brasileiros, procurei compreender três aspectos centrais. O primeiro diz respeito a sua origem social, o que significa origem de classe. O segundo nos remete ao estilo de vida. O terceiro mobiliza o posicionamento político e sua relação com a condição de classe.

Com isso, o que encontramos, no primeiro aspecto, é que a grande maioria tem origem privilegiada, tendo nascido na alta classe média brasileira. Em sua maioria, os pais eram empresários ou profissionais liberais, o que nos permite caracterizar a existência de um “habitus corporativo”, transmitido de pai para filho. Por sua condição de classe, estes executivos tiveram acesso às melhores escolas e à melhor formação possível, muitos deles estudando no exterior desde a juventude.

Sobre o estilo de vida, constatamos que este é guiado pelo que podemos definir como uma “mentalidade de mercado”. Ao longo da pesquisa, investigamos as principais revistas lidas pelos executivos, como a *Forbes Brasil*, por exemplo, que defendem uma visão de mundo extremamente meritocrática. Seu estilo de vida também é marcado por alto nível de consumo, o que pode ser visto no volume de bens e reflete suas altas remunerações.

Por fim, o posicionamento político dos executivos é radicalmente conservador, defendendo explicitamente a mentalidade

a terra é redonda

ultra meritocrática do mercado. Esta visão de mundo é afinada com sua condição privilegiada de classe, avessa às possibilidades de mudança social. Não por acaso, quando perguntados sobre uma série de questões sociais no Brasil, os executivos culpam o Estado e defendem o mercado. Eles são, por exemplo, a favor da reforma trabalhista e da previdência, reformas estas de conteúdo explicitamente contrário aos interesses da classe trabalhadora.

Além disso, quando perguntados sobre em quem votariam para presidente em 2018, poucos assumiram o voto em Bolsonaro, que ainda não era o candidato explícito do mercado. A maioria disse que votaria em nomes explicitamente ligados ao mercado, como Geraldo Alckmin, Henrique Meireles e Álvaro Dias. Quando perguntados sobre a figura pública que mais admiravam, a maioria respondeu Sérgio Moro. Não por acaso, trata-se do juiz que prendeu Lula da Silva e protagonizou toda a farsa jurídica contra ele. Agora, em 2022, Moro é um nome bem cotado para concorrer à presidência da república no Brasil.

Diante de tais resultados, podemos constatar que as classes dominantes no Brasil são profundamente conservadoras e insensíveis aos interesses dos mais pobres. Pelo contrário, desde a conjuntura anterior, seu posicionamento político ultra meritocrático foi o principal responsável pelo aprofundamento da indignidade que agora afeta pelo menos 60% da população brasileira. Foi este posicionamento que em grande medida pavimentou o caminho para a ascensão da extrema-direita e suas graves consequências sociais e políticas. Diante deste trágico cenário, temos um recado das classes populares: o nome de Lula da Silva desponta novamente em primeiro lugar nas pesquisas. Vejamos o que há de acontecer.

***Fabrício Maciel** é professor de teoria sociológica do Departamento de Ciências Sociais da UFF-Campos e do PPG em sociologia política da UENF.

Texto base de palestra realizada no Instituto de Sociologia da Universidade de Educação de Freiburg, Alemanha, em janeiro de 2022.